

# AULA-PERFORMANCE | LABORATÓRIO: O INCONSCIENTE A CÉU ABERTO

PERFORMANCE-CLASS | LABORATORY: THE UNCONSCIOUS IN THE OPEN AIR

**Maria dos Remédios de Brito**  
**UFPA**  
**Lindomberto Ferreira Alves**  
**PPGARTES-UFPA**

## Resumo

O presente ensaio visual reúne uma seleção de registros fotográficos da ação performativa *Aula-performance | Laboratório: o inconsciente a céu aberto*, realizada na tarde do dia 15 de novembro de 2024, na Praça do Carmo, localizada na Cidade Velha, em Belém (PA). Organizada por Maria dos Remédios de Brito e Lindomberto Ferreira Alves, a ação contou com a participação de 14 performers. O objetivo era fabricar em coligação, habitar coletivamente o espaço público, ser afetado pela paisagem e pelo outro, expandir mundos e instaurar uma cena estética construída a partir de fragmentos, fissuras, desvios e linhas errantes a céu aberto e a serviço da criação de processos existenciais, que revelassem outras ecologias possíveis e permitissem a invenção de novos modos de produção de vida e saúde.

## Palavras-chave:

Arte; clínica; experiência; instauração; processos de subjetivação.

## Abstract

*The present visual essay gathers a selection of photographic records from the performative action Performance-class | Laboratory: the unconscious in the open air, held on the afternoon of November 15, 2024, at Praça do Carmo, located in Cidade Velha, Belém (PA). Organized by Maria dos Remédios de Brito and Lindomberto Ferreira Alves, the action included the participation of 14 performers. The main goal was to collaboratively create, collectively inhabit public space, be affected by the landscape and by others, expand worlds, and establish an aesthetic scene constructed from fragments, fissures, deviations, and errant lines in the open air as well as to create existential processes that could reveal other possible ecologies and enable the invention of new modes of life and health production.*

## Keywords:

*Art; clinic; experience; instauration; processes of subjectivation.*

## INTERLÚDIO

O presente ensaio visual reúne uma seleção de registros fotográficos da ação performativa *Aula-performance | Laboratório: o inconsciente a céu aberto*, uma das experimentações práticas da disciplina Seminários Avançados I - Arte e Clínica,<sup>1</sup> ministrada no segundo semestre letivo de 2024, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES-UFPA).

Realizada na tarde do dia 15 de novembro de 2024, na Praça do Carmo, localizada na Cidade Velha, em Belém (PA), a ação teve duração de 4 horas e contou com a condução de Maria dos Remédios de Brito e Lindomberto Ferreira Alves, além da participação de Andrey Jandison da Silva, Breno Filo Creão de Sousa Garcia, Cleber Silva de Oliveira, Darciana de Fátima da Cruz Martins, Gesiel Ribeiro de Leão, Joliene Kate Nascimento Pinto, Julia Maria Goulart Modesto, Leylla Raissa Sampaio Melo, Marluce Cristina Araújo Silva, Melquisedeque Matos Miranda, Mileide Gomes Barros, Samia Oliveira Moraes de Souza, Sol Sousa Estevam e Thaysa Cristina Magalhães dos Santos.

Assim como a disciplina, esta ação se configurou como um laboratório de experimentação do pensamento e do corpo, fundamentado epistemologicamente no pensamento filosófico de Gilles Deleuze e em suas interseções com as artes. Deleuze desde seus primeiros escritos, a exemplo do livro *Sacher-Masoch: o frio é o cruel* (2009), apresenta uma relação crítica com a psicanálise freudiana, e sua relação sempre foi de aproximações e distanciamentos. Esse aspecto também pode ser notado em *Lógica do Sentido* (2006), obra que pode ser lida, segundo o autor, como um romance de psicanálise, oferecendo uma miríada instigante. Uma lógica do sentido atravessada por superfícies, profundidades, percorrendo o não sentido, o acontecimental, a linguagem e seus paradoxos e ainda assim ser um sentido.

Segue suas inferências com a clínica em outros livros no qual podemos notar demarcações de leituras e modulações. Na obra *Sacher-Masoch: o frio é o cruel* (2009), Deleuze concebe o artista como sintomatologista, médico da civilização; e a arte como uma topologia das forças e das pulsões.

Em obras conjuntas com Félix Guattari, não deixa de permanecer o diálogo em tensão com a crítica e a clínica psicanalista em sua radicalidade. O artista, por exemplo, conforme em *O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* (2010), ainda é visto como médico da civilização, não porque promove uma sintomatologia ou uma tipologia das pulsões, mas porque ele libera a vida, mesmo quando essa se encontra encarcerada aos poderes políticos, sociais, econômicas e culturais.

Pistas clínicas também podem ser encontradas em *Francis Bacon: lógica da sensação* (2007): antes o corpo do que o intelecto. A pintura passa também pelo não racional, o acaso. Cores não se diferenciam por oposição, mas por graus de aproximações e borramentos, há um desarrazoado que ronda o diagrama povoado por forças.

Em diferentes obras, Deleuze traça suas intercessões próprias com certos conceitos da psicanálise, a partir do que seja interessante para o seu próprio pensamento filosófico, assim como a seleção dos seus artistas de interesse, passando pela escrita, pela literatura, pelo teatro, pela pintura. Em *Crítica e Clínica* (1997), ele retoma o artista como o médico de si e do mundo (o mundo é um conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem), e a arte é posta não só como potência diagnosticadora, mas, sobretudo, pelas potências de produzir e criar uma saúde. Delírio, conceito caro para Deleuze, é uma forma de arrebatar outros territórios, inventar um povo que falta - no caso do escritor, aquele que delira pela escrita, fabula novos mundos, novas gramáticas, como Kafka, que cria uma literatura menor, uma língua menor, abrindo linhas individuanes.

Toda uma ideia de saúde e doença é tratada nessa obra. A doença é parada do processo, e saúde não tem nenhuma ligação com um corpo perfeito, saudável, tal como a ideia medicamentosa. O atletismo do artista requer um outro modo de posição do corpo. O artista é atravessado por uma frágil saúde, porque viu e ouviu alguma coisa muito grande. Seu corpo, não se adapta ao mundo competitivo, as forças das competências mercadológicas, as habilidades do capital, as maquinações dos trabalhos exacerbados e da cultura; a saúde, assim, se relaciona a novas maneiras de pensar e criar mundos outros, vidas outras.

Em *Crítica e Clínica* (1997), os artistas são videntes, pois instauram outras formas de percepções, de sensações, sendo que suas criações instalam outros modos de ver, sentir, pensar, oferecendo, assim, um papel político para a fabulação e para o delírio. Por isso, Antonin Artaud, o artista da crueldade, trava um combate contra o julgamento, contra as condutas, contra os órgãos e busca uma vigorosa vitalidade não orgânica, liberando as forças dos órgãos para possibilitar vida ao corpo-sem-órgão.

De todo modo, é interessante sublinhar que a ideia de clínica assumida tanto na disciplina Seminários Avançados I - Arte e Clínica quanto na ação *Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto* não diz respeito a protocolos de cura a partir da perspectiva médica e psicológica. Mas, sim, pensada de forma ampla, tendo ligação com possibilidades de viver, o que não exclui a morte, a dor, o horror, a angústia, o desespero; a vida insiste tragicamente (clínica trágica). Deleuze nota que essa perspectiva emula com grande vigor e rigor em determinados artistas, daí seu interesse por aqueles que enfrentam o caos, pois, ainda assim, a vida se impõe em modos de existências, se impõe em processos de singularizações, subvertendo as fronteiras dos poderes, das governabilidades estruturantes, dos padrões fixos, dos padrões normativos. O acaso atravessa a vida, há um jogo nebuloso, desconhecido, há manifestação do indomável, do indizível, do não destinável. Ora, como nos ligar com o que nos acontece?

A ideia de saúde, que perpassa pelo pensamento de Deleuze referente sua ligação com a clínica, diz respeito aquela que seja possível inventar modos de vidas, incluindo a morte quando a vida insiste. Daí, novamente, seu interesse por certos artistas que tinham uma saúde frágil. A exemplo de Artaud, o “esquizofrênico”, que fazia a gramática gaguejar e se tinha expressão com fala, ela se faz de múltiplos ruídos, de múltiplas forças, em que suas expressões incluíam elementos díspares, convidando o ver e ouvir, experimentar em vez de interpretar. Pensar por processos cartográficos, sem ligação com o método, mas com os procedimentos, e para além de uma suposta arqueologia.

Deleuze se interessa pela fratura que compõe a vida. O desligamento vem primeiro do que as ligações, pois o que se repete é o que não se é.

Portanto, ele inclui morte e vida. A vida não se opõe à morte, a morte é coextensiva à vida. Morre-se parcialmente todos os dias. Somos fragmentos de vida. A morte nos ronda o tempo todo para persistir a vida, o que não se confunde com o todo que quer morrer. E tudo isso, não é “eu”, pois este é sempre um efeito dos apontamentos caóticos, fragmentários, confusos, incertos, alheios. Toda a experiência que se tem por meio da memória não tem intenção de unificar o “eu”, pois ele é um efeito, não tem ligação com o pessoal. A memória não independe do inconsciente, ela vem sem avisar e se expressa por superfície. Deleuze insiste que o artista não escreve autobiografias, mas delira mundos, fabula mundos. Portanto, não se trata de nenhum delírio da pura imaginação, tampouco da pura realidade. Mas, sim, de alguma coisa que salta desse entre lugar.

Os artistas que interessam Deleuze passaram por enfrentamentos caóticos em sua vida, e são esses, com uma saúde frágil, que inventam uma *grande saúde*. Assim a clínica perpassa pelas forças intensivas, por modos de ativar insurgências. Não é uma questão de arteterapia. Deleuze se interessa por criações, processos de subjetivações maquínicos, mais que processos estruturantes personológicos, pois não se trata de uma questão de representação, de um “eu” individual, fincado em si mesmo, alheio ao mundo e instituído por uma razão referente a si mesmo. Por isso, o pensador se desvia da ideia de sujeito identitário, se desvia de termos hegemônicos, do sujeito do conhecimento, esse que se diz ter posse de si mesmo ou de uma saúde hegemônica, uma normalidade hegemônica. Importa para ele, quebrar liames entre uma coisa e outra.

É exatamente isso que está em foco no contexto da ação *Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto*: tensionar e, talvez, romper esses limites. Esse gesto busca possibilitar o alargamento do campo do sensível, com o objetivo de acionar e ativar a experiência estética como um trabalho ético sobre si mesmo. Um trabalho engajado, permeado e atravessado pela diversidade do vivido e por experimentações de diferenças não identitárias. Trata-se de instaurar experiências que não apenas acompanham a vida em seus movimentos de transformação e autocriação, mas que, sobretudo, operam por meio das multiplicidades, promovendo a liberdade

de criação de novos mundos e outras políticas de subjetivação. Deste modo, os objetivos da ação foram articulados por meio das seguintes instruções práticas:

Todas as pessoas participantes vestiriam roupas vermelhas, criando uma interferência visual na paisagem da Praça do Carmo durante a ação.

Cada participante traria para a ação uma pequena relíquia de valor afetivo, como um objeto, carta, peça de roupa, lembrança, brinco, anel, pingente, entre outros.

Cada participante levaria os materiais que utilizaria, como tintas (preferencialmente para tecido), pincéis, canetas (nanquim, posca etc.) ou outros materiais, como linhas, agulhas, barbantes etc.

Sob a perspectiva de sua partitura, a ação foi conduzida com base na seguinte dinâmica: iremos nos reunir ao redor de uma grande mesa, sobre a qual estará disposta uma panada. Cada pessoa ocupará uma posição ao redor da mesa e colocará sobre a panada seu objeto afetivo e seus materiais de trabalho. No início da ação, todos, em silêncio, começarão a intervir na panada, guiados pelos processos vivenciados e experimentados ao longo da disciplina Seminários Avançados I – Arte e Clínica, pelo objeto afetivo e pela pergunta disparadora: “Como instaurar em nós um desejo de vida para um mundo possível?”. Após um período, realizaremos um giro de posições no sentido anti-horário, permitindo que cada participante dê continuidade à intervenção na panada, agora a partir da posição da pessoa imediatamente à sua direita. Esse movimento possibilitará que todos possam intervir nos registros uns dos outros. O protocolo de giro será repetido até que cada pessoa passe por todas as posições dos demais. A ação será concluída quando cada participante retornar à sua posição inicial.

A execução dessa partitura visou, portanto, o desenvolvimento de uma experiência coletiva no espaço urbano, convocando memórias, sonhos e desejos diversos para que cada corpo se tornasse uma máquina inventiva de si mesmo em diálogo com a paisagem. O objetivo era fabricar em coligação, habitar coletivamente o espaço público, ser afetado pela paisagem e pelo outro, expandir mundos e instaurar uma cena estética construída a partir de fragmentos, fissuras, desvios e linhas errantes a céu aberto. Tudo isso a serviço da criação de processos existenciais que revelassem outras ecologias possíveis e permitissem a invenção de novos modos de produção de vida e saúde.

Antes de seguirmos para a apresentação de alguns registros dos desdobramentos da experiência de realização da partitura, é imprescindível destacar uma, entre tantas, importantes referências que nos inspiraram e impulsionaram a proposição e execução da ação *Aula-performance | Laboratório: o inconsciente a céu aberto*. Trata-se do programa de pesquisa e extensão *Clínica Urbana*,<sup>2</sup> realizado em Vitória (ES), sob a coordenação da psicóloga, pesquisadora e artista multimeios Leila Domingues Machado. Também merece menção a residência artística *Klínicateliê: ser obra da obra de arte* (2022),<sup>3</sup> realizada em Vitória (ES), na Galeria de Arte e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (GAP-UFES); e alguns coletivos de desenho atuantes na cidade de Belém (PA), como *A Riscadeira*, *Brutus Desenhadores*<sup>4</sup> e *Coisas de Aranhas*, que promovem (ou promoveram) o desenho coletivo como um modo de produção de cuidado; dispositivo clínico capaz de nos lançar para além de nós mesmos.

Vida longa às iniciativas que colocam em cena processos de desnaturalização, ruptura com o habitual e com o cristalizado, ampliando o olhar para o mundo e para si mesmo.





Figura 1 - *Aula-performance | Laboratório: o inconsciente a céu aberto.*<sup>5</sup>

Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.

Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].

Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 2 - Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto. Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024. Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m]. Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.

Figura 3 - Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto. Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024. Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m]. Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 4 - *Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto.*  
Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 5 - *Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto.*  
 Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
 Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
 Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 6 - Aula-performance | Laboratório: o inconsciente a céu aberto.  
Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 7 - Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto.

Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.

Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].

Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.

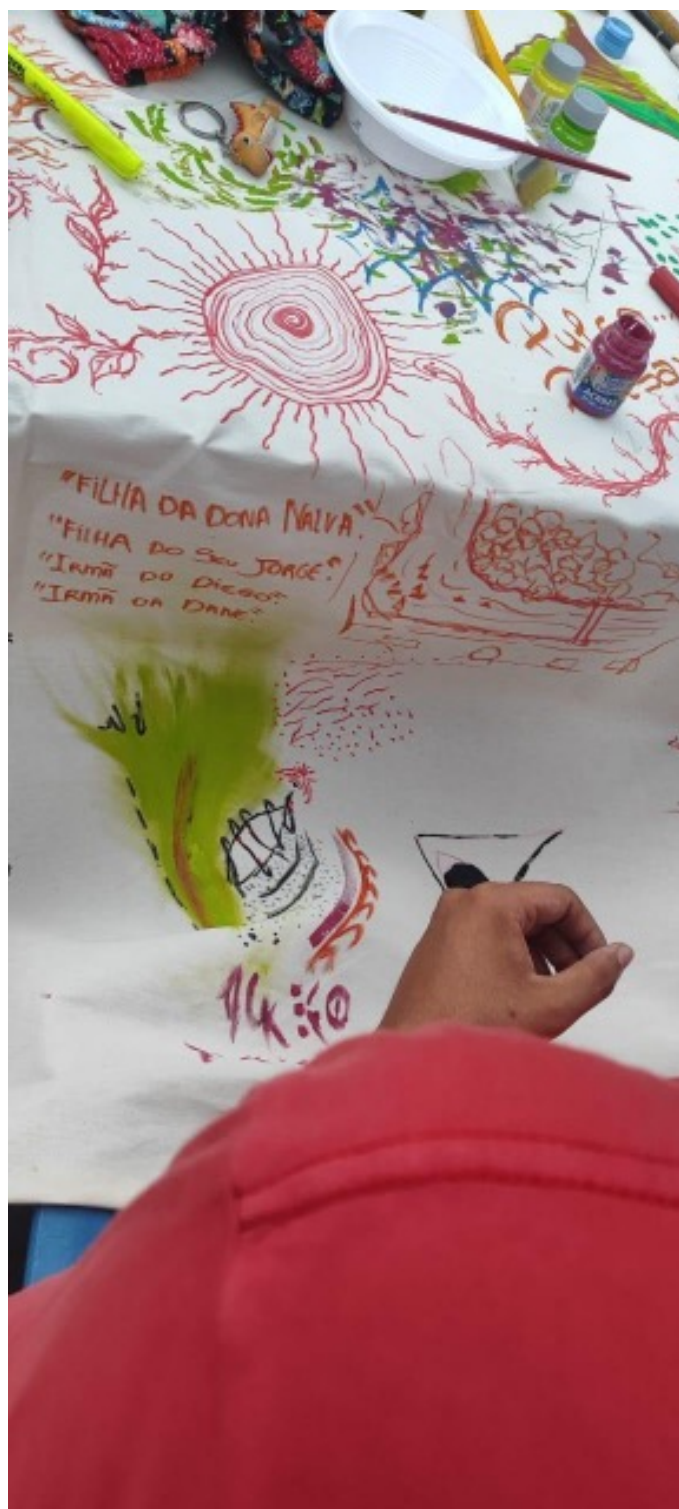


Figura 8 - Aula-performance | Laboratório: o inconsciente a céu aberto.  
Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 9 - Aula-performance | Laboratório: o inconsciente a céu aberto.  
Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 10 - *Aula-performance | Laboratório: o inconsciente a céu aberto.*  
 Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
 Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
 Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 11 - Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto.

Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.

Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].

Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 12 - *Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto.*  
 Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
 Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
 Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.



Figura 13 - *Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto.*  
 Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
 Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
 Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.





Figura 14 - *Aula-performance / Laboratório: o inconsciente a céu aberto.*  
Performance [4 horas]. Praça do Carmo, Belém (PA), Brasil, 2024.  
Sem título, objeto [Desenho, pintura, escrita, costura sobre tecido, 1,80 m x 4 m].  
Fotografia de Fernando Barata, Julia Maria Goulart Modesto e Maria dos Remédios de Brito.



## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

### Notas

<sup>1</sup> Ministrada pela professora doutora Maria dos Remédios de Brito, em colaboração com Lindomberto Ferreira Alves, docente voluntário e doutorando do PPGARTES - UFPA.

<sup>2</sup> O projeto teve início em 2011, sob o nome *Coisas que se passam sobre a pele da cidade*. Em 2014, tornou-se permanente com o título *Clínica Urbana*, permanecendo ativo até seu encerramento em 2017. Ele surgiu do compromisso de inventar uma clínica verdadeiramente ampliada, concebida como uma “clínica a céu aberto”, destinada a promover intervenções na cidade e desconstruir os limites rígidos dos espaços fechados. Por meio dessa abordagem urbana, buscou-se criar “dispositivos de encontro” no ambiente urbano, voltados à escuta e à narrativa de vidas anônimas, frequentemente capturadas ou em ruptura com macro e micropolíticas de subjetivação. Essas políticas, marcadas por cronopolíticas de velocidade e pelo anestesiamento do campo das sensações-afetos, foram tensionadas pela proposta, que visava reativar sensibilidades e encontros transformadores.

<sup>3</sup> Sob coordenação de Lindomberto Ferreira Alves, a residência reuniu as artistas e psicólogas Isabella Azevedo, Luana Miranda, Maria Ramos e Marina Fortunato para investigar as relações entre poéticas e políticas de subjetivação. O objetivo foi sondar as confluências entre a dimensão poética do fazer clínico e a dimensão clínica do fazer artístico, transformando a Galeria de Arte e Pesquisa (GAP-UFES), em Vitória (ES), em uma *clínica-ateliê*. Durante quinze dias, a galeria se tornou um espaço de práticas experimentais, onde as artistas alinharam processos de cuidado e criação, promovendo experiências inovadoras e transformadoras no encontro entre arte e clínica.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre *A Riscadeira*, acesse <<https://www.instagram.com/gordawlad/>>. E sobre *Brutus Desenhadores*, acesse <<https://www.instagram.com/brutusdesenhadores/>>.

<sup>5</sup> Nesta imagem, e em todas as demais deste ensaio, temos a presença de Maria dos Remédios de Brito, Lindomberto Ferreira Alves, Andrey Jandison da Silva, Breno Filo Creão de Sousa Garcia, Cleber Silva de Oliveira, Darciana de Fátima da Cruz Martins, Gesiel Ribeiro de Leão, Joliene Kate Nascimento Pinto, Julia Maria Goulart Modesto, Leylla Raissa Sampaio Melo, Marluce Cristina Araújo Silva, Melquisedeque Matos Miranda, Mileide Gomes Barros, Samia Oliveira Moraes de Souza, Sol Sousa Estevam e Thaysa Cristina Magalhães dos Santos.

## SOBRE OS AUTORES

Maria dos Remédios de Brito é professora-associada atuando nos programas de pós-graduação em Filosofia e em Artes (UFPA), mestra e doutora em Filosofia da Educação (UNIMEP-Piracicaba - SP), com pós-doutorado em Filosofia da Educação (UNICAMP). Graduada em Filosofia (UFPA) e em Pedagogia (UFPA), é também especialista em Filosofia Contemporânea (PUC-Rio) e em Educação e Problemas Regionais (UFPA), com aperfeiçoamento em Psicanálise (Corpo Freudiano de Belém). Coordena grupos de pesquisa e desenvolve pesquisas nas interfaces entre filosofia, arte e educação, com especial interesse pela psicanálise, esquizoanálise e pelas questões femininas. E-mail: mrb@ufpa.br

Lindomberto Ferreira Alves é curador e pesquisador. Doutorando em Artes (PPGARTES - UFPA), mestre em Artes (PPGA/UFES), licenciado em Artes Visuais (UNAR - SP) e bacharel em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Cofundador e editor-chefe da editora independente *Rizoma-Escrita* (2022-) e co-idealizador e coordenador do projeto editorial-cultural *AECE* (2023-). Autor do livro *Rubiane Maia: corpo em estado de performance* (SECULT - ES, 2021). Atualmente pesquisa sobre perspectivas não hegemônicas de escrita da crítica de arte e atua como pesquisador bolsista da FAPES no projeto *Análise Executiva da Lei de Incentivo à Cultura Capixaba* (Instituto Jones dos Santos Neves/ES). E-mail: lindombertofa@gmail.com

Recebido em: 15/12/2024

Aprovado em: 30/5/2025